

verdade, tais conceitos são um absurdo, uma impossibilidade, direi-mais: uma impotência biológica.

Veremos como, por um sistema de reações naturais e de regis-tração delas na consciência, *por progressiva concatenação e disciplina da força desordenada*, se dá essa transformação da lei do-mais forte na lei do mais justo; da lei desapiedada da seleção, na lei do amor. *A lei do Evangelho não é um absurdo no vosso nível biológico*, não é o que, visto de níveis mais baixos, possa parecer fraqueza e desfalecimento. Nesta fase mais alta de evolução, o vencido da vida animal *pode ser um triunfador*, porque outras forças, ignoradas naquela vida, são atraídas e postas em ação. Aparece o mundo moral, que supera, vence e cinge o mundo orgânico, dominando-o e arrastando-o para esferas superiores. E a inconcebível fraqueza da bondade em todos os casos, a deposição de todas as armas — base da luta pela vida — o altruísmo para com todos os seres, sobretudo para com o inimigo, se tornam um novo *princípio de convivência e de colaboração*, a lei do homem que ascende a uma unidade coletiva mais alta, que se organiza em nações, sociedades, humanidade. Ainda são poucos e incompreendidos os homens que praticam (não que apenas pregam) estes princípios. Mas, crescerão em número e a eles unicamente pertence o futuro.

Mais perfeita se manifesta a lei, á medida que as unidades menores se diferenciam e reorganizam em unidades mais vastas. Cabe ao homem transformar a natureza. Melhor direi: ele próprio é a natureza e nele a natureza se transforma. *Compete ao homem*, mudando-se a si mesmo, *operar a transformação da lei biológica no vosso planeta*; operar, fixando-as nas formas psíquicas, as criações superiores da evolução.

Tocam ao homem o dever e a glória de responder ao grande apelo que dos céus desce ao ser mais escolhido, produto mais sublimado da vida terrestre, para que execute o labor de transformar uma natureza que desconhece a piedade em uma natureza movida pela grandiosa lei de amor, de fusão, de colaboração, de compreensão, de fraternidade.

LXII — As origens do psiquismo.

Vimos o aspecto conceptual da fase α , a evolução do princípio diretivo da vida. Observemos agora o *aspecto* prevalecentemente *dinâmico* do tornar-se, em que aquele princípio se manifesta. Vimos transformar-se o princípio fundamental da luta; vejamos agora como essa transformação se exprime nas formas de um crescente psiquismo. As tres forças que sustentam a lei de conservação e evolução e que se manifestam nos impulsos: fome, amor e

insaciabilidade do desejo, transformam profundamente a natureza do ser, paralelamente á transformação dos princípios, para que ele seja a exata expressão destes.

Se o escôpo da vida é a evolução, o escôpo da evolução, a sua tendência constante, a sua realização máxima, na fase vida, é o *psiquismo*. Observemos como ele surge e se desenvolve até ás superiores formas humanas. Um germen de psiquismo já existe, conforme vimos, na complexa estrutura cinética dos motos vorticosos. Daqueles primeiros sintomas, ao espirito humano, se passa por sucessivas gradações de desenvolvimento, através das formas vegetais e animais, cujos órgãos e formas não são mais do que manifestações de um psiquismo progressivo.

Este crescente psiquismo, que rege todas as formas da vida, é um dos mais maravilhosos espetáculos que o vosso universo apresenta. Nele está a substância da vida, substância essa a que nos conservamos aderentes. Para nós, *vida = α* , ao passo que as suas formas não são senão a vestidura exterior de um psiquismo íntimo. *Evolução biológica, para nós, é evolução psíquica*. Para compreender-se a evolução dos efeitos, preciso é se compreenda a evolução da causa. Para nós, zoologia e botânica são ciências de vida, não um elenco de cadáveres, e, se consideramos as formas, só o fazemos tendo-as como expressão do conceito que as plasmou. Não as coligimos por parentela orgânica, senão até onde e enquanto esta se apresenta como índice de uma parentela mais substancial, a psíquica. Tendes reduzido a necropoles a botânica e a zoologia, que, entretanto, são reinos palpitantes de vida, de sensibilidade, de atividade, de beleza.

Assim temos posto desde o princípio o problema da vida e assim o desdobraremos até ao fim, porque só assim são racionalmente solúveis todos os problemas biológicos, psíquicos e éticos. E' absurdo imaginar-se que as formas da vida são, em si mesmas, fins e que careça de meta e de continuação a evolução dessas formas, quando um transformismo eterno as precede nas fases γ e β . E á evolução orgânica nenhuma continuação pode ser dada, senão pela evolução psíquica, como, de facto, ocorre no homem.

O psiquismo é a mais alta meta da vida. O seu desenvolvimento constitue o resultado final do recambio, da seleção, da transformação da espécie, de tanto saber, de tanta luta, de tanta tensão. Ele se fixa nos órgãos, nas formas, plasma-os e os anima, em todos os níveis, fazendo deles um meio para *evolover* ainda mais. Nas formas da vida, ele se revela e exprime e, observando-as, podeis remontar ao princípio psíquico, á centelha que se lhes agita no íntimo. E' toda uma fatigante, dolorosa ascensão, do protozoário ao homem e além, até aos mais altos cumes do psiquismo, onde se dá a genese do espirito. Maravilhosa, progressiva obra, em a qual a

Divindade, principio infinito, *está presente sempre, num ato constante de criação.*

Vimos, no estudo dos motos vorticosos, que eles contêm em germen o desenvolvimento das leis biologicas e que a intima estrutura cinetica da vida lhes permite, até pelas suas unidades primordiais, aceitar em suas órbitas impulsos vindos do exterior e conservar-lhes os traços, nas intimas alterações cineticas subsequentes. Um calculo exato de forças se encontra, pois, na base dessa capacidade de conservação dinamica, que se tornará lembrança atavica, base sobre a qual se erguerá a lei da hereditariedade. O ambiente exterior, em o qual a materia continuava a existir e a energia ainda não emergira para a vida, representava um campo de intensa atividade cinetica e, se a onda dinamica degradada havia, investindo a intima estrutura atomica, gerado a vida, aquele ambiente, saturado de impulsos, continha e representava uma inexaurível riqueza de impulsões aptas a se imitirem e combinarem no vortice vital.

Apenas surgida, estabeleceu-se de subito uma rêde de ações e reações entre a nova individuação e as forças do ambiente, desenvolvendo-se aquella cadeia de fenomenos, sobre a qual se apoia e eleva a evolução, fenomenos que se grupam sob os nomes de assimilação, adaptação, hereditariedade, seleção. A vida, no seu mais intenso dinamismo, respondeu a todas as impressões dinamicas provenientes do mundo exterior; estabeleceu-se uma permuta de impulsões e respostas. A vida se adaptava, mas assimilava; sobretudo, recordava, se diferenciava e selecionava, o intimo principio cinetico se enriquecia e complicava, aumentando-se-lhe as capacidades de assimilação. Não é que o mais complexo nascesse automaticamente do menos complexo. Apenas os mais complexos entrelaçamentos cineticos permitiam que se tornasse em ato o principio cinetico encerrado na fase potencial. Direção, escolha, memoria foram as primeiras manifestações daquele dinamismo que, desde então, assume os caracteres de psiquismo. Nasce a possibilidade de uma construção ideoplastica de órgãos e o principio cinetico, dinamante do vortice intimo, plasma para si os meios especificos de recebimento das impressões do ambiente, isto é, os sentidos, infinitos, progressivos, da planta ao homem, meio de nutrir a acrescida sensibilidade, devida a uma mais veloz mobilidade intima do sêr.

LXIII — Conceito de criação.

Compreendi bem o meu pensamento quando vos falo de desenvolvimento do psiquismo até á genese do espirito, sem intervenção de força exterior, por um processo automatico. No meu sistema, a Substancia, mesmo nas suas fórmulas inferiores γ e β , en-

cerca, em estado potencial e latente, todas as infinitas possibilidades de um desenvolvimento ilimitado. Compreendi que é absurda qualquer criação exterior e antropomorfica. Não adulateis o meu pensamento, nem tenteis introduzi-lo á força no materialismo, porquanto, se ele deste conserva a fórmula, dele imensamente se afasta, quanto á substancia, de modo a coincidir, nas conclusões, com o mais alto espiritualismo. Não digais: então a materia pensa;izei, antes, que, na vida, a materia, tendo atingido um alto grau de evolução, é, por intima e subita elaboração, *veículo capaz de restituir em mais vasta medida o potencial que nela se contém.* E' imensamente mais científico, mais lógico e mais correspondente á realidade este conceito de uma *Divindade presente sempre e continuamente operante na profundidade das coisas*, lá onde se lhes encontra a essencia, do que o de uma Divindade que, *por ato unico, em dado momento do tempo*, á guisa de um sêr humano, *opéra no exterior de si mesma, de fórmula imperfeita* e, ao mesmo tempo, *definitiva.*

O absoluto divino só no infinito existe; sua manifestação (existir = manifestar-se) *não pode ter tido inicio*; em sua essencia total, ele *não opéra no tempo*, senão no sentido de um átimo do seu eterno tornar-se, no sentido de uma particular descida ao relativo. E, neste sentido, é que se devem entender as Escrituras, que só assim são compreensíveis. Depois, o facto, que comprovais, de um transformismo incessante e de uma progressiva *suscetibilidade de aperfeiçoamento* em todas as coisas, claramente vos fala de uma criação progressiva, entendida como progressiva manifestação do conceito divino no mundo concreto e sensorio dos efeitos. O conceito de prodigio, com o escôpo de *correção* e de *retoque*, é todo ele inherente á imperfeição e relatividade humanas; não pode apiar-se ao Absoluto e á Divindade.

A perfeição da lei não é passível de alterar-se para espetáculo humano. O milagre, entendido como violação e refazimento de leis, não prova poder; é um absurdo, que somente na ignorancia humana pode existir. Não tomeis esta concessão feita á vossa fraqueza, como base da apologetica das religiões, pois, com semelhante contrasenso, apoucais a fé, em vez de reforça-la.

Vêde que tudo o que existe provém de um principio que atua sempre, não do exterior para o interior, mas *do interior para o exterior*, e que se encontra occulto no misterio do sêr, apresentando-se este como manifestação e expressão desse principio. Igualmente antropomorfica é a *idéia do nada*, inadmissível no absoluto. Como podem, senão no relativo, existir zonas exteriores, ou zonas de vácuo? O facto, que verificais, da indestrutibilidade e eternidade da substancia, vos demonstra o absurdo desse nada, que não passa de uma pseudo-idéia. Deus é o absoluto e, como tal, não pode ter contrarios, nem pontos exteriores, nenhuma das caracteristicas do